

## **MAIBI: A ANÁLISE DA OBJETIFICAÇÃO SEXUAL, FEMINICÍDIO E EXPLORAÇÃO DO HOMEM BRANCO**

Evelyn Vitória Lima de Oliveira<sup>1</sup>; Juliana Vitor de Oliveira<sup>2</sup>; Jeissyane Furtado da Silva<sup>3</sup>;  
Simone de Souza Lima<sup>4</sup>

Letras, Linguística e Artes

### **Resumo**

Este artigo propõe uma análise descritiva do conto *Maibi*, de Alberto Rangel (1908). A análise tem por objetivo evidenciar de forma crítica as peripécias da mulher como objeto sexual e uma forte predominância masculina, que as colocava como “moeda de troca” para quitação de dívidas de seus companheiros, além da exploração sexual por homens brancos e seus senhores. O conto nos revela ainda a descrição quase teatral e metafórica da morte de *Maibi*, colocada como sacrifício representando a terra para satisfazer a ambição dos senhores da borracha. Para realizar a análise, foi utilizado como material de apoio os artigos *O silenciamento histórico das mulheres na Amazônia brasileira* (2019) e *Mulheres nos Seringais do Amazonas: Sociabilidade e Cotidiano* (2015), a fim de conhecer a cultura e o papel exercido pelas mulheres da época. Por fim, ainda no campo dos objetivos perseguidos por este trabalho está a identificação, dentro da trama, do narrador e o modo de construção de sua narrativa, bem como a identificação dos personagens, além da evidenciação do papel da mulher dentro do contexto histórico/social dentro de uma análise da violência praticada contra a mulher, sob o viés do feminicídio.

**Palavras-chave:** Alberto Rangel. Feminicídio. Amazônia.

### **1 Introdução**

Em uma breve consulta ao *Atlas da violência contra a mulher no Brasil*, o chamado feminicídio revela uma verdade triste e assustadora que vem crescendo em nosso país, especialmente na Amazônia brasileira: o assassinato de mulheres praticado por homens. Quando lemos textos literários sobre os processos de colonização de regiões como Amazônia e o Nordeste brasileiro, fica latente como a organização social dessas regiões se pautava em relações de poder bastantes assimétricas em relação ao feminino. O desrespeito e todo tipo de violência contra a mulher, hoje, são originários desse passado machista e paternalista. Portanto, a violência e os abusos vivenciados pelas mulheres precisa ser debatida amplamente

1 Discente PETiano(a) Bolsista do PET Letras do Curso de Letras- Língua Portuguesa da Universidade Federal do Acre – evelynvitoria252627@gmail.com.

2 Discente PETiano(a) Bolsista do PET Letras do Curso de Letras- Língua Portuguesa da Universidade Federal do Acre – julianavitoroliveiraac@gmail.com.

3 Mestre em Letras: Linguagem e Identidade. Petiana egressa do Grupo PET Letras da Universidade Federal do Acre – jeissyfurtados@gmail.com

4 Tutor(a) do Grupo PET Letra, Docente do Curso de Letras da Universidade Federal do Acre - [ssouzalima@gmail.com](mailto:ssouzalima@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8340-3176>.

para que, por meio do debate de ideias, possamos mudar o fator cultural arraigado em nossa sociedade.

## 2 Objetivo

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma discussão do feminicídio a partir de uma leitura crítica do conto do conto *Maibi*, de Alberto Rangel (1908), tendo como pano de fundo o mundo do seringal e a presença da mulher. Portanto, objetivamos mostrar as grandes problemáticas apontadas na narrativa, que são a vida e o trabalho escravo de seringueiros no Amazonas e a objetificação sexual e ao feminicídio de mulheres que viveram nesse período. Durante toda a narrativa, é possível observar o vínculo entre o trabalho escravo de seringueiros e a objetificação da mulher como moeda de troca. Posto isto, esse artigo nos convida a observar, por um olhar crítico, através da retratação desse conto, argumentos e comportamentos importantes para a problematização desses acontecimentos.

## 3 Metodologia

Quanto à metodologia, destaque-se que este é um trabalho de base bibliográfica. O aporte teórico/metodológico segue a linha de identificação de *Maibi: A objetificação sexual e o feminicídio*. Nesse sentido, a personagem Maibi, cabocla esposa de Sabino, é colocada desde o começo em uma posição de objeto pelos demais personagens, sendo usada pelo seu próprio marido como “moeda de troca” para quitar as dívidas dele. Embora, atualmente, este tipo de “acordo” seja visto socialmente como totalmente inaceitável e criminoso, na época retratada, como o próprio autor ressalta, este era um dos arranjos comerciais mais comuns caracterizado como transferência de débito, desde que estivesse acordado entre ambas as partes.

## 4 Resultados e discussão

Os resultados da pesquisa revelam, a princípio, que a estrutura social que rege o mundo dos seringais mostra relações de poder assimétricas, em que o patrão e o trabalhador estão de forma desigual sempre. Nessa estrutura social, a mulher não tinha voz para tomar nenhuma decisão, nem sobre seu próprio corpo. Embora estivessem acordadas entre ambas as partes, que Maibi teria o papel de quitar essa dívida, sendo cedida ao outro freguês chamado Sérgio, Sabino não conseguia evitar as saudades e pensamentos da mulher, que agora estavam dedicadas a outro homem, e este por sua vez deveria seguir o curso normal de sua vida voltando-se para o trabalho.

O corpo da mulher estava atado, estranhamente adornando a árvore, enquanto seu sangue enchia até transbordar as tigelas, regando as raízes daquilo que a mantinha atada como se fosse um ritual pagão. O corpo de Maibi é descrito pelo narrador como um símbolo pagão ofertado como holocausto, representando a terra. O “sacrifício” de Maibi seria ainda menor que o sofrido pelo Amazonas e a crueldade dos chefes seringueiros. A vingança de Sabino refletia o seu cansaço pela exploração, o seu crime representava não só o amor enciumado, mas a ambição coletiva de milhares dado a cobiça universal.

O descaso com a cabocla ia muito além de não ser vista como pessoa, ela sequer era vista como uma cidadã. Logo, assim como as demais mulheres que conviviam em meio aos homens brancos e os nativos, elas sequer tinham os direitos ou podiam exercer qualquer reivindicação. O descaso e desmerecimento contra as mulheres reflete o abuso e feminicídio que vemos hoje na sociedade, a qual revela questões enraizadas na nossa cultura, problemáticas que eram normalizadas, reduzindo as mulheres como objeto.

Sempre que seus papéis se mostravam presentes à época, as mulheres eram estereotipadas como as que cozinham, que cuidam da casa e do marido para que ele possa trabalhar e trazer o sustento. A normalização do feminicídio na Amazônia sempre se mostrou ativo pelo uso da força, da violência e de armas brancas, uma vez que não havia qualquer política pública de fiscalização que repreendesse a violência que, naquela região e naquele período, significava poder. Para o homem, usar violência e praticar quaisquer tipos de abuso para se impor aos demais, e principalmente contra as mulheres, era extremamente corriqueiro. Logo, o estupro e agressão contra mulheres também era visto como algo “normal”.

O autor, através dessa narrativa, nos mostra as consequências dos processos de colonização e exploração na Amazônia que, ao longo dos anos, ajudaram a construir comportamentos e atitudes misóginas depreciativas contra as mulheres, em especial, àquelas que viviam em regiões ribeirinhas ou de seringal. A escravidão relatada pelo autor vai muito além do trabalho seringueiro, a exploração em grande parte acometia mulheres em estado de vulnerabilidade social, sendo expostas à escravidão sexual, sequestro e como foi o caso de Maibi: feminicídio.

Para o autor, o feminicídio que acometeu Maibi é retratado como um sacrifício para compensar a ganância do homem e não pelos ciúmes incontroláveis de seu antigo parceiro. Durante todo o conto, Maibi não somente foi objetificada, como tratada com indiferença e menosprezada, sendo usada diversas vezes para suprir as necessidades sexuais de outros homens e submetida à misoginia da época. Sabino externou a crueldade exercida

pela exploração de seus padrões e chefes seringueiros no corpo da amada cabocla, que representava para ele uma oferta a terra para “compensar a ganância e crueldade” vivenciada na Amazônia.

## 5 Considerações Finais

Ao fechar provisoriamente esta pesquisa, mostramos que o conto Maibi trabalha com duas temáticas principais: o tratamento desumano dos trabalhadores na época da borracha e o papel das mulheres durante esse período. Considerando a perspectiva do autor e exercendo a relação com a realidade dos leitores atuais, infelizmente a narrativa de 1908 evidencia que nossos problemas sociais e culturais ainda estão presentes, enraizados numa cultura construída sobre pensamentos e atitudes misóginas que foram normalizadas ao longo dos anos, mas que devem ser desconstruídos e responsabilizados.

Para o autor, o feminicídio que acometeu Maibi é retratado como um sacrifício para compensar a ganância do homem e não pelos ciúmes incontroláveis de seu antigo parceiro. Durante todo o conto, Maibi não somente foi objetificada, como tratada com indiferença e menosprezada, sendo usada diversas vezes para suprir as necessidades sexuais de outros homens.

## Referências

CHAVES, Fabiana Nogueira. CÉSAR, Maria Rita de Assis. O silenciamento histórico das mulheres da Amazônia Brasileira. **Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 138 – 156, jan./jun. 2019.

RANGEL, Alberto. *Maibi*. In: **Inferno verde**: cenas e cenários do Amazonas. 5 ed. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001.

**ATLAS DA VIOLÊNCIA 2019**. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Rio de Janeiro (RJ). Disponível em: [pea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/190605\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2019.pdf](http://pea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf) >. Acesso em: 06, julho de 2020.

MORGA, Antonio Emilio. LAGE, Mônica Lopes. Mulheres nos Seringais do Amazonas: sociabilidade e cotidiano. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v.6. p. 91-104, jan/jul 2015.